

FACON - POLO A CASA TOMBADA PÓS-GRADUAÇÃO

“GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICA DE RISCO”

NAHARA TEIXEIRA PAULA ARAÚJO

TODO MUNDO MORRE

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **Gestos da Escrita como Prática de Risco** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Escrita, sob orientação do Profa. Dra. Ângela Castelo Branco e do Prof. João Paulo Ferreira da Silva.

SÃO PAULO – SP

2025

RESUMO: Este trabalho nasce de uma carta escrita para minha avó — e nunca entregue. Primeiro, pela impossibilidade física: ela está morta. Depois, pela dificuldade de dizer adeus. É na escrita que realizo essa cirurgia — talvez tardia, mas vital: rasgo os tecidos da pele e, camada por camada, e retiro (vezes com a minúcia de um médico cirurgião, vezes com a frieza e agilidade de um açougueiro que precisa separar a carne do osso para seguir adiante) tudo aquilo que permaneceu calado, até que tudo esteja exposto e eu possa fazer a sutura da despedida. Nesta pesquisa, investigo o luto por meio da memória — entendida aqui como o único antídoto possível contra a ausência. E reúno cada pista-lembrança, com o objetivo de encontrar um *modus operandi* para lidar com o fim. O presente trabalho se constrói na autoficção: um conjunto de contos que percorre momentos-chave da partida de minha avó Dora: o dia de sua morte, o corpo encontrado, o velório, os dias que vieram depois, os objetos que ficaram, suas cinzas, o adeus e, por fim, um retrato possível de quem ela foi — ou do que restou dela em mim. Não escrevo para fechar feridas, mas para dar nome às cicatrizes. Talvez eu nunca consiga me despedir por completo — porque o luto não tem ponto final. Mas ao escrever, eu crio o verbo, e dessa forma faço com que ela SEJA, assim, eu continuo SENDO também.

Palavras chave: Autoficção, Luto, Memória, Escrita Cirúrgica, Despedida.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	04
1.1 Laudo:Todo Mundo Morre.....	04
1.2 Escrita-Cirurgia.....	06
2.METODOLOGIA.....	08
2.1 Campo Estéril: Escrita autoficcional como gesto de risco.....	08
3.DESENVOLVIMENTO.....	10
1. Um dia qualquer.....	10
2. Garganta Orfã.....	13
3. A família da falecida.....	17
4. Manhã na Vila.....	19
5. A coisa na caixa.....	25
6. O medo não gosta do escuro.....	28
7. Dor Fantasma.....	30
8. Foi um sonho?.....	32
9. Pó.....	35
10.Tempo Presente.....	37
11.Inefável.....	43
12. Cama Vazia.....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PÓS OPERATÓRIO.....	47

INTRODUÇÃO

Laudó

Todo mundo morre.

Era o que minha avó dizia sempre que alguém tentava afastar a ideia da sua morte. Dizia assim mesmo, com pausas entre as palavras, como quem entrega um veredicto antigo, que não precisa de mais explicações. Juntava as pontas dos dedos — aqueles dedos de unhas longas, sempre pintadas — e gesticulava com uma das mãos, enquanto com a outra segurava o cigarro, seu velho companheiro.

Não sei se havia nela uma aceitação tranquila da finitude. Acho que não. Eu não acho que ninguém aceita a morte, mas se conforma, quando entende que tudo isso aqui é só uma longa fila de despedidas. Se eu pudesse definir esse gosto, seria o de remédio. Ruim. Amargo. Mas você sabe que, uma hora ou outra, vai ter que tomar.

Mas penso que um pouco da morte já vivia escondida em minha avó. Deitada na cama, atravessada por uma depressão que nunca foi cuidada, ela foi desaparecendo aos poucos. A tristeza dividia o espaço com seu pequeno corpo e lhe sugava, como se tivesse entrado pela fresta do pijama e ficado lá, e de tanto que habitava, não era percebida.

Quando Vó Dora partiu, aos 77 anos, numa madrugada de outubro, em sua cama, por complicações de saúde que se arrastavam fazia quase um ano — ainda assim, foi devastadora.

Dizem que a morte dos velhos é mais fácil. Que chega como uma visita esperada: senta, toma café e vai embora deixando um alívio quieto. Que é o ciclo natural da vida. Que os filhos se conformam. Que os netos entendem. Parece o fim de uma história depois de longos capítulos. Mas não foi assim com a minha avó.

Ela não partiu como quem termina uma história; foi embora como quem tem a página arrancada. Sumiu antes do final, deixando todos em suspenso, com a respiração presa no peito. Seu fim foi um final aberto — destes que pairam no ar e quase ninguém compreende.

Até meu avô — separado dela há mais de quarenta anos — sentiu. Talvez porque, lá no fundo, ainda guardava a esperança de que ela escaparia. Mas não dessa vez. Nem ela. Nem minha avó escapou

Ainda assim, gosto de pensar que ela morreu do seu jeito: sem alarde, sem aviso, sem despedida. Saiu à francesa — como quem se levanta da mesa no meio da festa, certa de que já deu.

Todo mundo morre. Sim. Mas alguns, quando amados, continuam. Nas coisas, nas palavras, nos ecos, em pedaços nossos e de tantos outros.

Minha avó morreu. E ainda assim... vive em tudo. Em algum canto da memória, ela acende um cigarro escondido. Também me observa, em desaprovação, quando visto uma roupa amassada. Às vezes, ainda frita algo na panela e eu quase posso sentir o cheiro do óleo quente vindo da cozinha. Posso vê-la atravessando a sala, sentar-se por instantes... e logo desaparecer de vista.

Já ouvi dizer que só se vinga a morte, vivendo. Mas não acredito nisso. Para mim, o único inimigo possível da morte é a lembrança. Porque, no fim, a memória é a única forma de permanecer. É na presença que persiste dentro da ausência que a vida, teimosa, segue... Como quem se recusa a esquecer.

Essa é, portanto, uma pesquisa sobre a morte — mas, sobretudo, sobre a permanência. Nasce da carta que nunca consegui entregar à minha avó e encontra na escrita autoficcional um modo de rasgar o silêncio, nomear a perda e, quem sabe, costurar com palavras uma despedida possível.

Escrita-Cirurgia

Não saberia precisar em que instante a ideia da escrita-cirurgia se insinuou neste trabalho. Mas uma vez estabelecida, para enfrentar a dor, foi justamente a imagem da cirurgia que se impôs como método de escrita para lidar com o luto pela morte de minha avó.

Não teria sido menos invasivo, talvez, optar por um tratamento paliativo? Ou, quem sabe um remédio? Uma terapia psicanalítica ou ocupacional? Ou, porque não, a cura por meio da ciência das benzedadeiras ancestrais? Há tantas maneiras de lidar com a ausência e, no entanto, optei pela via mais abrupta: a da incisão.

A palavra *cirurgia* carrega consigo um peso simbólico de pavor. Imagina-se, automaticamente bisturis, campos estéreis, cortes, sangue — e dor. É extremo, mas necessário, o ato de rasgar camadas profundas da pele para alcançar algo que não se pode ver a olho nú. Talvez, por isso, em algum lugar do meu inconsciente, essa tenha me parecido a melhor maneira de acessar aquilo que eu não enxergo no meu luto, mas que está ali e precisa ser visto.

E, embora o processo cirúrgico seja um território de risco, uma operação, embora perigosa e delicada, não é sinônimo de morte, afinal é no leito cirúrgico que o corpo renasce ou dá à luz a uma nova vida.

Penso, por exemplo, nos partos por cesárea: é no corte profundo da pele que se anuncia uma vida, assim como foi esse processo: precisei cortar, abrir, invadir os tecidos mais profundos da minha memória para parir aquilo que se parece com uma despedida. E talvez, nesse gesto de nomear a perda, tenha nascido uma outra forma de presença.

A escrita, tal qual uma cirurgia, exige precisão, técnica e também uma boa dose de coragem. É necessário saber onde tocar, onde cortar, até onde ir — e onde recuar.

E eu recuei.

Esse não foi um processo linear e objetivo. Em muitos momentos, precisei parar — respirar. Toquei nervos ainda expostos, reabrindo feridas que mal haviam começado

a cicatrizar. Mas também compreendi que certas dores, se não forem tratadas, apodrecem por dentro e escrever foi o gesto de extração.

No fim das contas, escrever foi aceitar entrar na sala de operação sem saber se sairia inteira. Confiei na anestesia, ainda que eu soubesse que, em determinados momentos, ela falharia. Cada conto foi um ponto de sutura — às vezes traçado pelas mãos de um médico experiente, às vezes feito na inabilidade de um residente.

Sigo agora no que posso chamar de pós-operatório ou um tempo de cuidado constante. As lembranças, é claro, ainda podem reabrir um ponto. Apesar de estar fora de perigo, eu ainda corro... risco.

Afinal, escrever sempre foi um gesto de risco. Por isso, *Gestos de escrita como prática de risco* não poderia ser nome mais adequado para este processo (bem como para esse curso). Escrever é abrir espaços incertos, lidar com o desconhecido e aceitar que nem sempre controlamos o que vem à tona.

E depois, no final da operação, aceitar que o luto é um tratamento contínuo. Não se tem uma alta definitiva, tampouco a cura — não há antídoto para a perda. E o que a escrita oferece é a possibilidade de trégua, ou em termos médicos, a remissão. E é nessa suspensão que a vida vai crescendo em torno da ausência, ainda que uma vez ou outra, depois da amputação, a dor fantasma insista em ocupar o vazio.

Quiçá, seja isso que a escrita oferece: uma barganha silenciosa. Fazemos um pacto onde tentamos, palavra a palavra, negociar com a dor para encontrar algum alívio. Escrever, então, pode ser a tentativa de sustentar o vazio sem ser engolido por ele. Roland Barthes, em *Diário de Luto*, escreve que “a escrita não consola, mas abriga”. Talvez seja esse o abrigo que buscamos: não um fim para a dor, mas um lugar onde ela possa, ao menos, repousar.

Com o tempo, espero eu, que a cicatriz da incisão, aquela que um dia ardeu na carne, se torne apenas um desenho sobre a pele, daqueles que às vezes quase se esquece que está ali. Até que, ao tocá-la suavemente, eu sinta sua presença discreta, lembrando que apesar de tudo, estou aqui, inteira — ou quase.

Mas sigo. Seguimos.

METODOLOGIA

Campo Estéril

Este trabalho nasce do gesto de escrever a si — ou de se deixar escrever — por entre as linhas daquilo que venho chamando de escrita cirúrgica. A metáfora cirúrgica aqui não é apenas ornamento poético, mas um procedimento metodológico: escrever é operar-se. É preparar o campo estéril: limpar, delimitar, isolar...para então realizar a incisão. A escrita se constitui como um espaço controlado, mas não asséptico; é onde o risco se torna possível sem se confundir com desordem.

Cada conto, nesse sentido, é uma incisão narrativa. Um corte que rompe o silêncio e revela aquilo que antes permanecia encoberto. O campo estéril funciona, portanto, como a moldura desse gesto: o lugar onde é permitido abrir a pele da memória sem que a vida se esvaia por completo. A esterilidade não é ausência de vida, mas condição de possibilidade do ato cirúrgico e aqui, da escrita.

A escolha dessa metodologia nasce de uma necessidade visceral: dar forma ao que é disforme, dizer o que dói, organizar o caos íntimo do luto. Minha avó, Dora, é o marco inaugural dessa ausência que se tornou matéria narrativa. Ela permanece como ferida e como campo: o vazio deixado por sua morte é também o espaço limpo e delimitado onde a palavra pode agir. Dora é a cicatriz que inaugura meu método — cada frase atravessada por sua sombra, cada conto um modo de não deixá-la morrer em mim.

O procedimento desta escrita não busca a verdade factual, mas uma verdade sensível, construída na tensão entre o vivido e o imaginado. Por isso, opto pela autoficção como método. Ela permite costurar e suturar memórias e invenções, compondo narrativas que não se pretendem biográficas, mas que elaboram a experiência pela via da ficção. O conto, por sua brevidade e corte preciso, se apresenta como a forma mais adequada: cada narrativa é um fragmento, uma cápsula onde a dor se organiza sem jamais se resolver por completo.

Não me preocupo em separar realidade e imaginação; busco exprimir não os fatos, mas os sentimentos, dando forma àquilo que só pode ser percebido por quem sente. A escrita se torna, assim, experiência visceral: uma tentativa de passar a sensação

sentida por mim, de tornar o intangível tangível, o confuso compreensível, o vivido poeticamente transformado.

Assim, o campo estéril torna-se a metáfora-metodologia que organiza todo o trabalho: delimitar um espaço para a escrita, abrir camadas com rigor técnico, tocar o que sangra sem deixar que se contamine, suturar com consciência de que a cicatriz jamais é invisível. A escrita-cirurgia é um método e também gesto poético: uma travessia entre o real e o imaginado, entre a carne viva da experiência e o ritual simbólico da palavra.

No fim, este trabalho é a tentativa de transformar o luto em procedimento criativo. Escrever é operar. O conto é a incisão. O campo estéril é a metodologia que sustenta o risco. E Dora é a presença-ausência que justifica cada corte.

DESENVOLVIMENTO

UM DIA QUALQUER

Queria poder dizer que, no dia em que minha avó morreu, o céu amanheceu cinza-chumbo, pesado e triste do jeito que São Paulo conhece. Que fazia frio. Ou que a chuva caía com tanta força que as gotas viraram granizo e espanicaram os capôs dos carros que vagavam pelas ruas esburacadas, de uma cidade afundando em seus próprios buracos. Queria poder descrever que uma tempestade varreu tudo — e nos levou junto com ela.

Mas não foi assim que aconteceu.

O dia 11 de outubro amanheceu com céu azul, poucas nuvens e um vento tímido.

Era um dia bom.

Não, era pior. Era um dia comum.

E talvez esse seja o pior tipo de dia para receber a notícia de uma morte. Não que exista um dia bom, mas, se eu pudesse escolher, que fossem os piores possíveis — daqueles em que nada dá certo. Aquele tipo de dia em que nada valeu à pena e que toda decisão pareceu errada, até levantar da cama.

Mas a maldita morte acontece num dia qualquer.

Sem aviso.

Não havia uma voz sussurrando no meu ouvido. Nenhum corte no ar. Nenhuma sensação de que algo iria acontecer. Apenas a rotina, intacta. Quase inofensiva. Mas brutal. O mundo seguia no piloto automático. Nada de especial. Apenas mais um dia ordinário, que teria passado despercebido entre tantos outros.

A morte vem, e com sua foice, corta o tempo em dois. Divide a vida de quem fica em dois blocos: o que você era até ela chegar; e o que sobrou depois do que ela te levou.

Um dia antes, eu era neta. Estava exausta, em casa, correndo pra terminar um trabalho. Pensei em ver minha mãe e minha avó — eu tinha acabado de voltar de

Minas — mas o trabalho não deixou. Ou melhor: eu não me deixei. Terminei tudo e me preparei para ir no dia seguinte.

E então veio a foice.

Eu estava imóvel, com o telefone na mão, ouvindo minha irmã tentar dizer — sem conseguir — o que precisava ser dito. Ela tentava parecer calma, mas o choro era a resposta.

— A avó... — E parou.

Ela não conseguia terminar a frase. E eu não queria que ela terminasse. Preferia que aquela frase não tivesse fim.

A vó.

Mas nenhuma conversa pode ficar suspensa no ar para sempre, não é mesmo?

— Ela... — puxei o ar por uma pequena fresta da boca entreaberta. — Morreu? — Perguntei, pressionando meus dentes, que rangiam, sem controle.

Antônia chorou de novo e aquele choro era tudo o que ela conseguia me dizer.

Depois disso, não haveria mais entrega da pequena caneca do Triângulo Mineiro que eu comprei pra minha avó.

Ela não tomaria café na caneca que eu comprei.

Não comia doce de leite.

Ela não veria nada.

Mas eu, ainda, a veria.

Eu tinha uma avó.

Quando perguntei à minha irmã, ainda esperava ser corrigida. Esperava que ela dissesse, brava, que minha avó só tinha passado mal. Que estava no hospital. Que tinha caído. Qualquer coisa. Eu esperava qualquer fagulha de engano. Preferia ser chamada de louca, de exagerada.

Mas, é como é. Não como eu quero.

E então eu parei.

Mas só eu.

O mundo seguiu.

Mesmo que eu desabasse no chão — e alguém viesse me acudir — em algum momento iriam perceber que eu estava viva. A ambulância chegaria. E, depois, todos voltariam às suas rotinas. O mundo seguiria seu eixo. Porque tudo segue orbitando. E eu, no centro do que já não gira, apenas assistia.

Esse, o momento da morte, um pequeno instante em que você deixa de fazer parte do mundo e se torna um observador desatento. Nada importa. Mas, ainda assim, você continua. Assim como, em outro dia qualquer, talvez eu tenha seguido andando, sem saber, enquanto alguém parava e sentia exatamente o que eu sinto agora.

Todo mundo pode parar algum dia.

Mas o mundo continua a girar.

E nada muda isso.

Nunca muda.

Nunca vai mudar.

E é nesse breve momento — em que tudo gira, mas você não — que você entende: a morte é só um dia qualquer.

GARGANTA ÓRFÃ

Eu não sabia ao certo como esperava encontrar minha mãe naquela manhã. Mas certamente não era daquele jeito — envolta por uma calma quase assustadora. Ela estava serena. Serena demais para alguém que acabara de perder a própria mãe, companheira inseparável, de mais de meio século. Ainda assim, não a julguei. O luto é uma criatura escorregadia, e cada um, neste mundo, procura sua própria forma de segurá-lo.

Foi Antônia, minha irmã do meio, quem abriu o portão. Ela já me esperava ali, na entrada da vila, no bairro do Belém, como se soubesse exatamente quando eu chegaria. Estava em um canto coberto pelo toldo do vizinho, fugindo do sol. Olhei para minha irmã e algo se desprendeu em mim. O tempo vacilou — e ali estávamos nós, décadas antes, ainda descabeladas, debruçadas na pia da cozinha da vó Dora.

Estávamos em algum dia, no final dos anos noventa. Nossa avó mexia a massa do bolo com uma colher de pau, e nós duas, lado a lado, vigiávamos o fundo da tigela à espera da nossa vez de limpar as raspas. Tínhamos nossas guerras silenciosas por elas. Era um momento sério, estratégico — e como qualquer irmão, não admitíamos que a outra comesse mais. Logo teríamos que começar a raspar a tigela ao mesmo tempo.

Ali, naquela luz amarelada da cozinha, o mundo era pequeno e seguro. A avó viva, o forno aceso — e nenhum espaço na cabeça para pensar na finitude. Quando se é pequeno, tudo parece ser para sempre. Nenhum de nós imaginava que um dia ela morreria. Menos ainda, que morreria assim — deitada, sem alarde, enquanto todos dormiam.

Eu queria ficar ali, naquela lembrança ainda intacta de dor. Mas precisei voltar.

Nos abraçamos. Dissemos alguma coisa — talvez banal, talvez necessária — mas eu não lembro. Caminhamos em silêncio pelo corredor da vila. Do outro lado, estavam elas: minha mãe, encostada no muro do sobrado, braços cruzados, o olhar distante; e Mica, sentada nos degraus da pequena escada que levava à porta. As duas imóveis, sem lágrimas.

O quarto da minha avó era o primeiro, logo ao lado da sala. Entrei com uma coragem contida, quase ensaiada.

Seu corpo jazia sob a cama, coberto por um lençol. A única parte visível era a mão — com as unhas por fazer, um detalhe que, vindo da minha avó, soava quase inadmissível. Ela sempre cuidava delas religiosamente, fazia as unhas toda semana. Tentei puxar o lençol com cuidado, na esperança de ver seu rosto, mas minha mãe conteve:

— Melhor não — advertiu minha mãe.

Foi ela quem encontrou minha avó, no quarto, pouco antes de chegarmos. Acordou cedo, como sempre fazia, e desceu para preparar o café da manhã. Mas algo estranho a fez voltar: minha avó demorava demais a despertar. Atravessou a sala devagar e entrou no quarto. Viu-a numa posição estranha — os braços cobrindo o rosto, o corpo meio jogado para o lado, como se tivesse tentado se esconder do mundo. Chamou-a uma vez, duas vezes, três vezes. Nenhuma resposta. Caminhou até a beirada da cama, com o coração apertado. Não demorou para entender.

Não teimei — e isso já era um feito para mim, que, em quase toda situação, teria logo desafiado: “Mas por que eu não posso?”. Mas ali não era lugar para rebeldia. Minha mãe falava com uma voz que não era de autoridade, mas de conselho — como se tentasse me proteger de algo que eu ainda não compreendia.

Me contentei em pegar na mão gelada da minha avó e sentir, pela segunda vez na vida, o frio da morte. As rugas no dorso de sua mão, um dia, décadas atrás, me divertiam quando descobri que a pele dela, quando puxada, demorava a voltar ao lugar. Ela dizia que um dia eu também ficaria assim, quando fosse velha.

Ano após ano, ainda repito o gesto: eu estico discretamente a pele das minhas próprias mãos. E espero. Espero o dia em que ela também vai começar a demorar.

Veio primeiro como um tremor. Uma vibração que atravessou as paredes, como se a casa tivesse estremecido por dentro. Depois, o som.

Nem mesmo se todos os ossos do corpo dela tivessem sido esmagados, minha mãe teria gritado daquele jeito.

Já estive presente em algumas de suas dores. E, em todas elas — por mais insuportáveis que parecessem — ela se recolhia em silêncio, encolhida num canto da sala, esperando passar. Mas aquilo não era um grito. E talvez nem fosse exatamente um som.

Parecia um rasgo — um som áspero, gutural, que não se forma na garganta. Não era humano. Talvez de um animal. Mas não de um bicho qualquer. Uma fera encurralada, ferida num ponto onde nem as feras costumam sangrar.

O que quer que fosse aquilo, não nascia de músculo ou pulmão. Vinha de um espaço que se rompeu, não osso, não órgão, mas um oco. Um vazio. Um vazio que se abria. E continuava a se abrir. E crescia. Tão grande que parecia prestes a engolir tudo: os degraus, os nomes, as datas, a manhã.

E, ao ouvi-lo, eu fui sugada também.

O som me atravessou. E eu soube, naquele instante, que ele não terminava fora. Ele encontrava em mim um eco. Como se o buraco dentro dela tivesse farejado um vazio no meu — um que eu nem sabia carregar. Corremos escada acima. Nossos pés batiam firme no assoalho antigo, e o chão rangia sob nós como se a casa, também, sentisse. Antônio foi quem escancarou a porta. E então parou — como se tivesse dado de frente com algo sagrado ou terrível demais.

Minha mãe estava ali, sentada sobre os próprios pés, no centro da cama. A penumbra do quarto fazia dançar as sombras nos cantos. Uma faixa de luz esgueirava-se pela janela e pousava sobre ela, revelando fragmentos do seu rosto entrecortado: a testa úmida, os olhos fechados, os lábios entreabertos num som que não era mais grito, mas também ainda não era silêncio.

Era um som baixo, irregular, como se alguma coisa estivesse sendo arrancada dela por dentro — dente por dente, osso por osso. Tudo ali parecia coberto de um véu terroso, uma camada de mundo velho, passado, finado.

Entramos. Primeiro Antônio. Depois Mica. Por fim, eu. Hesitei. Achei que minha mãe não gostaria de ter tanta gente assim na sua cama. Escorreguei pela parede e sentei no chão frio de taco, tentando ser menor do que o necessário.

Mica se sentou ao meu lado. Encostou a cabeça em meu ombro. Senti uma lágrima escorrer pelo braço — não soube dizer se era dela ou minha. Talvez de nós duas. Talvez da casa.

Vi minha mãe ali, como uma pintura barroca. Luz e sombra e desespero e loucura. Um lamento preso entre o ontem e o agora. Achei, por um segundo longo, que ela nunca mais pararia. Mas parou.

Não posso dizer se voltou a si — ou se foi a voz que se cansou, que morreu um pouco antes dela. O que ficou foi o choro. Depois, o silêncio.

E, naquele fiapo entre um e outro, Antônio fez um gesto com a cabeça, quase imperceptível, e nos levantamos. Minha mãe segurava a mão de Antônio. E eu deixei que Mica pegasse a outra. Fiquei no pé da cama. Sem nenhuma mão.

Minha mãe costumava dizer que dois filhos era um bom número de filhos. Dava pra segurar a mão de cada um, dizia. E, durante dez anos, foi assim, até Mica nascer. Agora eu não tinha uma mão para segurar.

Fomos interrompidas pelo som estridente da campainha. Porque o mundo, insolente, insiste em continuar. Descemos. E, no último degrau, vi minha mãe. Ela descia devagar. Menor do que antes. Diferente de antes.

Naquele dia, minha mãe se tornou órfã.

E, de algum modo, eu também.

A FAMÍLIA DA FALECIDA

Nessa casa,
onde a morte levou a matriarca,
a família se juntou
para fazer a partilha
de tudo que restou
de suas vidas partidas.

Cada um entrou com sua loucura:
a tia que gargalha,
o primo que quase se mata,
a mãe que arruma as almofadas com raiva,
e até a pequena menina que fala de cura.

Tentam se manter lúcidos, em turnos,
um amarra a camisa de força no outro
na beira do colapso,
revezando a sanidade
como se fosse figurino.

Em volta da falecida
a família espia, conspira, respira,
suspira — enquanto lambe as feridas.
riem, choram, gritam,
sem saber o quanto doía.

O luto não é só pelo que jaz agora:
é por tudo que já morreu antes:
as festas interrompidas,
os abraços contidos,
tudo o que poderia ter sido.

No fim do dia,

a casa respira fundo.
os cômodos, exaustos.
cada um vai embora
com a loucura do outro nas costas.

Como lembrança,
como herança,
como quem visita o próprio abismo
e volta pra casa
sabendo que o lar
também é hospício.

MANHÃ NA VILA

As manhãs na vila costumavam ser tranquilas — exceto por aquela sexta-feira.

O dia começou ruim para Aveline, quando não encontrou seus pães no mercadinho da esquina. O forno havia quebrado, impedindo o padeiro de assar qualquer coisa. Obrigada a caminhar até a padaria mais próxima, a uns bons quinhentos metros dali, resmungava, consigo mesmo. Caminhar não era o problema. O que irritava era a demora. Aveline gostava de tomar café da manhã logo ao acordar. Caso contrário, vinha a dor de cabeça, que dizia doer mais que uma facada, embora nunca tivesse tomado uma. E o café preto, sozinho, não bastava: precisava do pão francês, com três generosas passadas de manteiga. Esse era o ritual que praticava todos os dias, e também o que garantia um bom dia.

— Eu sou velha. E velho é cheio de mania. — Respondia, ao marido, quando questionava seu hábito.

Tinha sessenta e cinco anos. Não aparentava mais, nem menos. Acreditava possuir exatamente as rugas que deveria ter. Mas isso não significava, é claro, que gostasse dos seus cabelos brancos. Isso, não! Religiosamente, visitava o salão de cabeleireiro para retocar a tintura dos fios crespos e curtos.

Aveline pegou os pães e no caminho de volta à sua casa, imaginou-se tomando seu café da manhã sentada na mesinha bistrô que ficava no canto da sala. Encontrou a mesa na rua anos atrás e, depois de discutir com Augusto — sempre desconfiado de suas ‘coisas do lixo’ — conseguiu trazê-la para casa. Não era que Aveline caminhava pela rua à espreita de todas as lixeiras, mas certos objetos ela sabia que, com uma boa tinta e uma limpeza, ainda poderiam ser úteis.

A mesa estava na lixeira frente à vila. Os pés de ferro estavam oxidados, ela admitia, mas a madeira ainda era lustrosa. A mesa veio acompanhada de uma cadeira bamba, de modo que ela era a única pessoa a se sentar nela. Não que Augusto fosse querer se arriscar. “Sentar nesse pedaço de tétano? Jamais”, ele dizia.

Aveline morava em uma das poucas vilas situadas no bairro do Belém, na cidade de São Paulo. Vila já estava velha, mas era o xodó de todos que ali viviam. Um pequeno amontoado de sobrados antigos e mal pintados, que resistia à demolição em meio à construção de imponentes prédios de apartamentos. Tudo ao redor mudava, mas ali, parecia que o tempo se recusava a passar.

Ela se considerava uma mulher moderna. Tinha celular e já pagava suas contas pela internet, sem ajuda de ninguém, recusando-se a frequentar casas lotéricas para enfrentar filas quilométricas, junto de outros idosos. Não gostava de multidão e por isso rapidamente a movimentação na casa da frente chamou-lhe à atenção.

Voltava com sua sacolinha de pães quando notou o burburinho. Algumas cabeças curiosas surgiam nas janelas, espreitando, enquanto outras, mais ousadas, saíam de suas casas para descobrir o que havia acontecido. Uma menina magra — um rosto desconhecido na vila — passou por ela com lágrimas nos olhos, tão rápido que não houve tempo para Aveline perguntar o que ocorrera.

Além dos rostos conhecidos dos vizinhos, também avistou pessoas que reconhecia de vista, mas com quem nunca trocara mais do que um cumprimento breve. Eram rostos carregados de tristeza. Dois carros estavam parados em frente à casa — um deles ocupando a vaga do marido. Em qualquer outro dia, já teria batido à porta com toda a polidez do mundo para pedir que retirassem o veículo. Mas naquele dia, percebeu de imediato, não era momento para isso.

Também não era do tipo que ia atrás de fofoca. Não negava uma, é claro. Mas esperava que as informações viessem até ela. Não tardou até que alguma vizinha batesse em sua porta com o pretexto de saber se estava tudo bem para contar algum caso da vila — fosse uma briga de casal, ou algum filho de alguém que havia chegado bêbado, ou uma grávida. Dalva, a sentinela da vila, certamente traria respostas. Mas naquele dia não estava à vista, o que tornou a situação toda ainda mais estranha.

— Mãe, filha e neta... — disse — e tem uma pitbull também. Fica esperta, viu? Esses cachorros são perigosos. Atacam crianças!

Já morava na vila há pelo menos quarenta anos e em todos esses anos Dalva nunca parou sua incessante vigia acerca da vida dos outros. Aquele, era um bom dia para a vizinha aparecer e assim Avelina poder saber o que estava acontecendo, mas não viu sombra da mulher, que provavelmente não devia estar em casa. Do contrário, estaria do lado de fora.

Já estava na porta de casa quando percebeu uma senhora parada ao seu lado. A mulher usava uma camisola de seda, coberta por um longo roupão verde-água, felpudo. A pele, pálida e marcada por rugas que desenhavam seu rosto, denunciava uma idade que não devia passar dos setenta anos. Ela estava com as mãos nos bolsos do roupão e observava a movimentação na casa. Tinha o semblante preocupado.

Em um dia qualquer, Aveline não teria dado importância, mas aquela sexta-feira não era um dia comum. Quando sua mão já estava na portinhola que levava à sua casa, ela deu meia-volta e parou para observar um pouco mais, na esperança de que a mulher soubesse algo que pudesse alimentar sua curiosidade. Escorou o corpo na parede da casa e ficou ali, olhando. Foi então que ouviu o barulho estridente do portão se abrindo. Virou-se para trás e viu o rabecão entrando na vila. Assustada, percebeu que a situação era séria. O carro avançou lentamente e parou diante de uma casa.

Do rabecão desceram dois homens de uniforme cinza. Moviam-se com calma, mas cada gesto carregava o peso do que estavam prestes a fazer. O motorista, baixinho e corpulento, tinha um semblante sereno; o outro era alto, de cabelos pretos e com profundas marcas de expressão na testa, que o deixavam carrancudo. Quase ao mesmo tempo, cumprimentaram uma mulher chorosa que os aguardava à porta, com o controle do portão na mão. Ela fez um sinal para que entrassem, e os homens desapareceram de vista enquanto o portão se fechava atrás de Aveline.

Foi nesse momento que as pessoas começaram a sair de suas casas. A maioria ainda tímida ficou na entrada, observando o rabecão estacionado. Um homem saiu correndo da casa e escondeu-se atrás do rabecão e chorou. Ele não era um homem alto e conseguiu ficar ainda menor ao encolher-se no próprio corpo para tentar não fazer tanto barulho ao chorar. Não fosse um momento de dor, poderia ter sido

engraçado ver o trabalho todo de um homem para não ser visto sofrer. Seu choro era feio e esganiçado como quem fizera isso poucas vezes e por isso não tinha muita habilidade. Não que o sofrimento fosse bonito de ver, mas era como se aquele homem não tivesse qualquer experiência com aquilo que sentia.

Não havia nada que se pudesse dizer diante da morte. Aveline sabia disso. E mesmo assim, as pessoas sempre falavam. Sempre vinham com aquelas frases... 'A vida é um sopro', 'Para morrer basta estar vivo', 'A gente não é nada mesmo, não é?'. Quase dava para ouvi-las ecoando, mesmo ninguém dizendo. Tentativas vãs de consolo. Mas ela sabia: nada consola. A morte é um buraco. E buracos não se preenchem com palavras

Ela, que já havia perdido o pai, a mãe, os irmãos e até um filho, conhecia bem a dor daquele homem. Mesmo querendo, como a mulher, correr para abraçá-lo e confortá-lo, ficou ali, em silêncio, orando por ele de longe.

— Coitado... meu Deus — disse, levando a mão ao rosto.

Não percebeu que falara alto até que a mulher a fitou com seus brilhantes olhos verdes. Aveline acenou, mas a mulher não respondeu — tampouco a ignorou completamente. Voltou a olhar para o homem, que já havia secado as lágrimas e se preparava para entrar novamente na casa, quando foi detido por um homem magro que segurava uma ponta de um pesado edredom com motivo japonês. O outro homem segurava a outra ponta, e juntos carregavam o corpo de quem quer que tivesse morrido ali dentro. O edredom era grande o suficiente para envolver o corpo inteiro, formando uma alça improvisada para facilitar o transporte até o rabecão. Apesar da inerente brutalidade da cena, os dois homens seguravam o cadáver de maneira delicada, com todo o respeito que poderia ter a algo que já foi alguém. Dessa vez o homem não chorou, apenas observou em silêncio o corpo ser colocado em uma espécie de caixa — semelhante a um caixão — e acomodado no veículo.

A dupla da morte ainda falou uma meia dúzia de palavras antes de entrar no rabecão. Atrás deles ficou o que deveria ser uma família completamente inconsolável. À menina, a mesma que abriu o portão para que eles pudessem entrar agora tentava abrir o portão para que fossem embora, mas agora ela era o mais puro desespero e tentava apertar o botão do controle que não havia. Foi

quando Aveline percebeu a dificuldade e sacou de sua chave abrindo o portão para que o rabecão pudesse sair.

Nesse momento, a senhora deu um passo para trás, abrindo espaço para que o rabecão pudesse passar.

— Obrigada.

Aveline virou-se para a mulher e assentiu. Embora não precisava agradecê-la, aquele gesto a comoveu, especialmente em meio à dor crua que pairava sobre os outros. Ninguém notara que fora Aveline quem abria o portão; estavam todos em transe, presos entre o esforço de recompor-se, secar as lágrimas e aceitar o inaceitável. Para ela, aquilo era apenas o mínimo que podia fazer.

O rabecão deu partida e avançou em direção ao portão. Aveline não sabia se o relógio diminuía o passo ou se a morte distorcia a noção do tempo, mas o carro parecia mover-se em uma espécie de câmera lenta. Ou pelo menos foi dessa forma que Aveline viu tudo aquilo acontecer.

Na tentativa de dissipar o peso que pairava sobre a vila, Aveline virou-se para a mulher e perguntou, quase em sussurros, se ela conhecia a falecida. A mulher assentiu com a cabeça, silenciosa. O rabecão seguia seu caminho, já cruzando a metade da rua.

Um impulso inesperado tomou conta de Aveline; sem medir as consequências, esticou o pescoço e perguntou, com a voz trêmula, quem se à mulher sabia quem havia morrido. A mulher cravou os olhos nela e respondeu:

— Eu.

A voz era fina, quase frágil, mas carregava uma firmeza inabalável, como se aquela palavra fosse a última verdade que poderia dizer.

A mulher cravou seus olhos em Aveline com uma frieza intensa e cortante; e por um instante, o tempo pareceu dobrar-se em torno delas. Aveline devolveu o olhar, mas não encontrou nada naqueles profundos olhos verdes — apenas um abismo

silencioso e imóvel, como um lago escuro que engole a luz e nada revela no seu interior.

Enquanto o rabecão avançava lentamente pela vila, Aveline piscou, e apesar de saber que seus pés tocavam o chão, sentia-se flutuar, como se a gravidade tivesse se dissolvido. Do outro lado, onde a mulher estivera, restava apenas o pomar — silencioso e verde, com jabuticabas espalhadas no chão, enegrecidas, quase murchas. Aveline vasculhou os cantos com o olhar, mas a mulher evaporara. Não havia sombras, nem som, nem nada. Nenhum esconderijo possível, sabia. Como se jamais tivesse existido. Porque, de fato, não existia mais.

A COISA NA CAIXA

Esperei a manhã inteira para ver a caixa.

Acordei junto do sol e já sabia o que precisava fazer: descer antes de todo mundo, encontrar a sala vazia, e ficar sozinha com ela — a caixa. Tinha preparado palavras. Um agradecimento. Algo simples, mas sincero. Palavras que, de algum modo, selassem o momento.

Disseram que a caixa estaria fechada, com um visor de vidro. Que eu poderia olhar por cima, apenas por um instante. Mas quando entrei na sala, antes do tempo, antes das vozes, antes do ritual, ela estava lá: destampada.

Era uma caixa marrom, com o verniz intacto, alças douradas nas extremidades, e por dentro, um forro branco de voal quase transparente, que ondulava levemente com o vento distante do ventilador. Estava posicionada no centro da sala, como quem espera.

Quando a vi, quase sorri. Saltitei até ela, como se fosse uma criança. Era estranho me sentir feliz, eu sei. Mas havia algo de solene na ideia de estar ali antes de todos. Como se aquilo fosse uma missão.

Aproximei-me devagar. Inclinei o corpo. Depois o rosto. Fiquei a poucos centímetros da borda. O que vi lá dentro não era o que eu esperava.

Repousava sobre o voal uma coisa. Azulada. Meio roxa. Ou verde. A pele estufada, quase translúcida. Inchada como uma manga que caiu da árvore direto no cimento.

Aquilo... não era o presente.

Era uma coisa. Uma coisa horrorosa.

Dei um passo para trás. Pisquei, como se isso fosse resolver. Talvez fosse a caixa errada. Tinha que ser. Girei nos calcanhares pronta para procurar a caixa certa. Tinha que estar em algum lugar, por ali. Havia outras salas, com outras caixas. Eu encontraria a minha caixa.

Mas eu não precisei ir longe...

Meus olhos foram de encontro à uma etiqueta branca, perfeitamente alinhada no canto inferior, com o nome escrito à mão. O nome certo. O nome dela.

Aquela era a caixa.

Mas o que havia acontecido com o presente? O que fizeram com ele?

Revirei o interior com os olhos. Tentei buscar pistas. Quase sinal que provasse que havia um engano e aquela não era a caixa, ou que fosse a droga da caixa, mas trocaram o que estava dentro.

E então vi a mancha.

Era pequena, quase oval, perto da borda da tampa. Uma marquinha marrom, do lado esquerdo. Aquela mancha sempre esteve lá. Eu não esqueceria a mancha. Era a mancha dela.

E foi nesse instante que entendi.

Era.

A caixa.

E, ao mesmo tempo, não era.

Aquilo era o que diziam que era. Mas não o que minha memória conseguia aceitar. Aquilo não parecia mais um presente. Parecia um castigo.

Ainda assim, tentei. Peguei a carta que havia escrito. Abri o papel com os dedos trêmulos. Era um agradecimento. Um texto simples, com palavras escolhidas a dedo. Comecei a ler.

Mas a voz saía tão torta e vazia quanto o que tinha dentro da caixa. As frases escorriam da minha boca como cera quente: lentas, tortas, sem direção. O que repousava na caixa não escutava.

Não compreendia.

Não era nada.

Era outra coisa.

Eu não podia agradecer aquilo.

Não podia..

Fechei a carta. Fiquei ali por mais algum tempo. Não sei quanto. Logo começaram a chegar os outros. Eles se aproximaram da caixa. Falaram baixo. Tocaram com ternura. Disseram coisas suaves.

Ninguém pareceu notar.

Ninguém viu o que eu vi.

Eu, imóvel no canto, consenti com a farsa. Fiz o que se espera de alguém. Engoli o nó, escondi os olhos, cumpri o protocolo.

Mas nunca mais — nunca mais — olhei para a caixa.

Porque nada do que vi naquela caixa de madeira era real.

O MEDO NÃO GOSTA DO ESCURO

Tentei engolir o medo,
mas ele era grande demais.
Encheu o peito de silêncio
meus olhos, água;
meus pulmões, cimento.

Era o vazio puxando tudo pra dentro,
no buraco em mim,
o centro sem nome,
o fundo sem fim.

O medo não gosta de escuro,
quer ficar do lado de fora,
ser visto por todo mundo.
Não suporta o silêncio,
precisa fazer barulho.

Mas se ele sai, quem fica?
Dançamos em círculos cegos,
num passo sem norte.
uma fenda se abre no chão,
nos lança no abismo, sem sorte.

Na fresta aberta pelo temor,
brota um fio de coragem,
Diz que meu fantasma é feito de vento.
Que não há nada que pode ser feito.
Não tem remédio, agora é só saudade.

Antes de partir, a coragem me deu um feitiço:
nomeie seu demônio,
e ele se desfaz no ar.
então eu digo que nome tem o meu

ela morreu,
ela não vai voltar.

DOR FANTASMA

Como pode doer
o que já não se tem?

Perguntei à minha mãe
numa tarde morna,
enquanto ela lavava a louça
e falava de um homem
que chorava por um braço ausente.

O braço não estava mais lá —
mas doía.

Naquele tempo,
eu era pequena demais
para entender
que o corpo é feito de lembranças,
e que a ausência
também pesa.

Cresci.
Li sobre nervos,
impulsos,
cérebro e memória.
Aprendi a explicação científica.
Mas a pergunta
nunca deixou de doer em mim.

Meses atrás,
quando minha avó morreu,
voltei à cozinha dela.

Abri o armário das canecas,
toquei o vazio
onde antes moravam seus gestos.

E então entendi:
o luto é uma dor fantasma.

É o corpo gritando por um território perdido,
por um afeto arrancado,
por um nome que ainda ecoa
mesmo sem voz.

Às vezes,
no silêncio das tardes,
ouço ela me chamar.
Quase respondo.
Quase viro.
Quase.

Mas lembro:
ela já não está.

E mesmo assim,
ela dói.

A saudade, descobri,
é um membro fantasma —
e o luto,
o ponto onde a ausência pulsa.

FOI UM SONHO?

Estou parada na soleira do quarto. Na minha frente, um corredor se estende como um túnel sem fim — longo, estreito e escuro. Não é qualquer corredor, mas parte do andar de cima do sobrado velho da casa da minha mãe.

Há uma quietude que não se confunde com o silêncio — como se o ar estivesse carregado de algo que eu sei que vai acontecer. Não há som audível, mas algo pulsa. Um ruído abafado, profundo, escondido sob as paredes, como um coração metálico enterrado nos alicerces. Não é ouvido com os ouvidos: é o corpo quem percebe. A pele arrepia antes de qualquer lógica, os músculos se contraem sem saber por quê.

O som — se é que se pode chamá-lo assim — reverbera por dentro, ecoando nos tecidos da minha pele. Cada costela, cada vértebra, responde como se tivesse sido afinada para essa frequência muda.

Mesmo sem ter feito nada de errado, carrego a sensação de ter ultrapassado um limite invisível. Como se tivesse pisado num território alheio, mas não inimigo, por mais estranho que isso possa parecer. Tudo em mim está imóvel por fora, mas por dentro tudo se contorce — como se todos meus ossos procurassem uma nova posição para ficar.

Quero fugir dali, correr desesperada, ainda que eu não saiba bem para onde. Mas eu...

Fico.

Não por coragem, mas por algum tipo de paralisia consciente. De alguma forma sei que não posso mais voltar. O simples fato de estar ali já mudou tudo o que eu sei até então. É uma permanência trêmula. O corpo está parado, mas a alma parece empurrada para fora de si, tonta.

Até que eu vejo.

Um vulto atravessa o corredor. Em disparada, corre em direção à porta da varanda, como quem ficou além da hora em uma festa que já acabou — e agora precisa

voltar correndo, atravessar a noite, chegar em casa antes que os pais acordem e percebam sua desobediência.

Mas não tem pés.

Flutua.

Paira no ar como um lençol esquecido no varal, esticado por uma força que não vem do vento. Não obedece a gravidade, e ainda assim carrega peso — que não é de corpo, mas de presença. Algo o âncora mesmo enquanto flutua. Antes de desaparecer, ele percebe uma presença. Não sei como algo sem olhos pode enxergar, mas o vulto me encara silenciosamente.

É uma sombra, esse vulto. Densa. Não hostil. Tem peso — como o cheiro de uma roupa que ficou guardada por tempo demais. Como o resto de um perfume antigo que ainda mora no tecido. Há uma coisa ali que não me ameaça, mas me toma. A sombra começa a caminhar em minha direção. Devagar. Sem som. Como parte de uma procissão que eu nunca vi, mas que, agora, parece fazer todo o sentido. Aos poucos, ela toma forma.

Não é mais uma sombra.

É minha avó.

Os olhos, bem abertos. Sem dizer nada, ela me pede silêncio. E eu entendo. Porque sei que não deveria estar ali. E talvez... ela também não.

Mas ali estamos.

Ela e eu.

Entre dois mundos que não se tocam.

Sinto medo. Um medo que não é pânico. É um medo solene. Como o de uma criança que assiste a um ritual que não compreende, mas sabe que é sagrado.

Eu me abaixo. Devagar. Não porque quero fugir. Mas porque fico. Preciso ver até onde isso vai. Mesmo sabendo que não deveria.

Ela se aproxima. Estende a mão. Eu, a minha. As pontas dos nossos dedos se tocam. E então, ela se inclina. Me beija na bochecha.

É um beijo gelado. Frio como a morte. Gélido. Pálido. Mas é o beijo da minha avó. E eu recebo. E eu deixo.

Acordo.

É manhã. Tudo está no lugar. As paredes, o teto, o tempo. Mas algo em mim ainda sabe — eu estive ali. E mesmo que não devesse... Estive.

PÓ

o que restou da minha avó
coube numa pequena urna —
branca, parecia um ovo.

como se fosse nascimento,
mas era o fim.

sete décadas arderam
num forno velho,
com tantos outros anos.

e agora, a urna carrega
um pouco de outros silêncios.

mas há coisas que o fogo não leva.

sobrou o pó.

não o dos móveis —
esse, ela via
e se sentava,
enquanto deixava passar
a vontade de limpar.

ela sabia: um dia, iria.

“todo mundo morre, uma hora.”

mas eu devia ter perguntado
o que, no fundo, ela queria.

conhecia a avó.

nunca soube quem era Dora.

deixamos as cinzas
no fundo do armário.

dormem sozinhas no breu.

não é descuido,
é que o pó não fala,
não responde
meu adeus.

mas não era ela.

era só pó.

era a cinza
do cigarro que ela fumava.

não era minha avó.

era.

só.

pó.

TEMPO PRESENTE

As paredes amareladas do quarto, no apartamento da Rua Mauá, denunciavam a intensa fumaça do cigarro que dançava pelo ar, mas nunca chegava à rua, porque a janela estava quase sempre fechada. Os últimos lugares onde a mãe e a avó moraram partilhavam a mesma característica: paredes encardidas pelo cigarro.

Quando a mãe devolveu o apartamento em Santos, passou dias tentando devolver o branco à parede encardida do quarto da avó, Dora. Não adiantou. Nada tirava as manchas que a nicotina deixava no ambiente. Teve que pagar uma multa, mas nunca contou isso para a avó. Não que fosse adiantar algo.

O quarto da avó era um cômodo pequeno, como todos os apartamentos novos, mas não claustrofóbico. Cabia um guarda-roupa, uma cômoda que guardava alguns porta-retratos dos netos e um troféu de dança, além do aparelho de pressão. Uma mesinha de canto, uma mesinha lateral e uma cama de solteiro — o lugar onde ela mais passava tempo, a ponto do colchão estar afundado.

A Vó Dora estava, naquele momento, sentada na cama, com as pernas cruzadas. Vestia um pijama cinza e rosa que havia comprado para ela quando esteve no hospital no começo do ano. Segurava um cigarro. A narradora entrou no quarto e sentou-se à beirada da cama, de frente para a avó.

Ela já não fumava nos seus últimos dias. Talvez eu não devesse colocar esse cigarro aqui. Não fosse o cigarro, talvez ela tivesse viva. Sim, sem cigarro.

— Onde foi parar esse cigarro? — perguntou, olhando para a cama.

Do que adianta ela estar com o cigarro na mão ou não? Já não faz diferença. Eu à vi mais vezes com cigarro, do que sem o cigarro. Deixa o cigarro, Nahara. Ela odeia quando à gente esconde o cigarro dela...

Ela já tinha colocado os pés no chão frio de fórmica quando reparou no cigarro em sua mão. Assustou-se e demorou alguns segundos antes de voltar a apoiar as costas na cabeceira da cama. Coçou a cabeça, confusa, e riu para a narradora. Ela riu de volta e logo puxou mais uma tragada da maldita nicotina que revestia todo o seu pulmão.

Estavam em cima de um edredom antigo, branco, com arabescos de folhas. Ele existia desde que a narradora se entendia por gente. Já estava bonito, mas agora estava velho e meio rasgado. E não havia nada que fizesse a avó se desfazer dele.

— Quantos anos tem esse edredom, vó? — perguntei.

Esse edredom já esteve em muitos endereços: em Itaquera, na Bela Vista, em Santos, no centro velho, no Belém... e também no Rabecão que a levou.

A avó não entendeu a entrada da narradora no quarto como algo importante e continuou a assistir seu programa sensacionalista preferido da tarde. Não era ruim, nem queria que ela parasse o que fazia, não naquele momento. A narradora aproveitou a atenção da avó na TV para observá-la um pouco.

Vó Dora tinha o rosto pálido pela falta de sol, os cabelos brancos e despenteados, e os olhos profundamente verdes. A narradora fixou o olhar em uma manchinha perto do olho...

Uma manchinha que passava quase despercebida, mas que tempos depois, me mostraria que aquele corpo sem vida que eu via, algum dia tinha sido à minha avó... Agora não, Nahara. Não é momento para isso. Concentre-se.

Ela levou a mão até o cabelo da avó e ajeitou alguns fios desalinhados; parte dos seus dedos tocou de relance a bochecha dela.

E essa foi à forma mais sutil que eu encontrei para tocar na minha avó, sem que ela reagisse. Avesa à demonstrações físicas de afeto, ela não saberia o que fazer e eu não queria deixá-la desconfortável.

À pele estava quente, não quente, mas morna. Viva. Era ela. Levantei de súbito.

Não, eu não posso levantar. Isso é o que eu faria agora, mas eu não sei o que eu já sei, Estou misturando as coisas.

— Tô descabelada, né? — perguntou, passando também a mão no cabelo.

— Tá bonita... — respondi.

— Eu tô é feia e velha... — disse, sem me olhar.

— Você nunca foi feia, vó. Você é a mulher mais bonita dessa família.

— Besteira!

Nunca lidara bem com a velhice. Sempre fora uma mulher muito bonita, e continuava sendo. Mas não se via assim.

Voltaram a olhar para a TV, ela por interesse e a narradora por não saber o que fazer. Sentia que tinha que dizer alguma coisa, mas não sabia ao certo o quê. Era uma sensação estranha. Olhou para o teto, como quem procura uma resposta. Nada.

Chegou à hora! A Nahara da sua história entrou neste quarto para fazer algo. E ela precisa fazer. Nós precisamos fazer. Então faça. Não temos muito tempo. Logo vai ficar estranho você tanto tempo assim no quarto dela.

— Precisa que eu vá ao mercado comprar alguma coisa? — já sabia a resposta.

— Não... eu vou mais tarde. Preciso sair um pouco.

— Mas eu posso ir, vó... — insisti.

— *Nahara*, eu também preciso sair de casa! — disparou, irritada.

— Vai se cansar à toa, vó... — teimeei.

— Não quero ninguém fazendo as coisas por mim. Eu não sou inválida.

Suas costas e seu fôlego já não eram mais os mesmos. Ela se cansava com facilidade e, geralmente, a família se oferecia para fazer aquelas pequenas tarefas corriqueiras por ela, mas ela nunca aceitava.

— Você tem que explorar mais a gente, vó. Criou sete netos... a gente tem obrigação de buscar seu cigarro! — disse.

— Que que eu fiz por vocês? Não fiz nada.

A avó criou, em algum momento da vida, todos os seus sete netos. Todo mundo sabia disso — sobretudo os netos. Para a narradora, isso era tão óbvio. Ainda assim, não pôde deixar de se chocar com as palavras duras da avó. Surpreendia-a o fato de ela achar que isso não significava nada. É claro que poderia ter argumentado

— e talvez devesse —, mas foi tomada por um sentimento estranho, pesado, que não soube enfrentar naquele instante.

Levantou-se e caminhou até a porta do quarto, mas girou no calcanhar e voltou, parando no batente da porta.

É aqui que corto o tempo e costuro a memória do meu jeito. Na hora, fiquei apenas com o nó na garganta. A resposta veio meses depois — mas, quando chegou, eu já não sabia como transformá-la em palavras. E deixei.

— Esses dias eu tava arrumando minhas coisas — comecei. — Achei uns presentes. Coisas do vô Roberto, umas da vó Tel...Fiquei esperando encontrar alguma coisa sua. Mas não tinha nada.

Naquele dia, eu estava com uma caixa bege à minha frente. A câmera Polaroid de um lado, o trenzinho de ferro do outro — e mais um punhado de coisas. Vasculhei em silêncio, procurando qualquer traço da minha avó. Até um pequeno presente do vô Fernando — que eu nunca conheci — eu consegui encontrar, de certa forma. Entre aquelas coisas, repousava sua farda: verde, bem conservada, um pouco pequena, revelando que ele era um homem magro, não muito alto. Mas nada da vó Dora.

— E aí eu fiquei pensando... onde é que estão os presentes da vó Dora? Por que é que eu não guardei nada?

Ela mexeu-se na cama, visivelmente desconfortável. Nahara viu que ela abaixou os olhos.

O presente que minha avó me deu — e que não cabia em nenhuma caixa — foi o tempo. O próprio tempo. Desde o dia em que cheguei neste mundo esquisito, ela doou seus dias para cuidar de mim. Um tempo que poderia ter sido só dela, mas que ela escolheu compartilhar comigo, numa generosidade silenciosa. Eu poderia passar a vida inteira listando tudo o que ela fez por mim — e, ainda assim, faltaria muito. E eu só entendi que o tempo era um presente quando o nosso chegou ao fim....E sei que eu deveria falar isso, mas não era o que eu falaria, na verdade.

Porque esse momento não é sobre o que eu gostaria de ter dito, mas sobre o que eu diria, de verdade. E eu preciso ser honesta, para que eu possa acreditar.

Vó Dora estava em silêncio. Mexia o cigarro entre os dedos. A brasa desenhava um pequeno círculo de luz.

— Eu lembro até da calça de tricô azul que você fez. Azul royal. Eu amava aquela calça. Mas eu cresci e ela deve ter ido ter sido doada...

Os meninos me zoavam por causa daquela calça. Falavam que estava furada. Não era furo, era à trama do tricô. Eu odiava aquilo. Odiava as piadinhas. Mas nunca reclamei. Porque era um presente da minha avó. Fico pensando se eu tivesse sido impulsiva e deixado minha frustração falar mais alto e reclamar dessa calça. Ela teria ficado triste, eu acho. Ainda bem que nunca disse nada. Nossos maiores arrependimentos vem daquilo que deixamos de fazer, mas às vezes acho bom não termos feito algumas coisas.

— Uma vez eu li que quem tem uma roupa de tricô, que são caras e difíceis de fazer, tem por um dos dois motivos: ou você tem muito dinheiro ou tem alguém que gosta muito de você. Bem, rico a gente nunca foi, né?

— Não lembro de calça nenhuma — Confessou.

— Eu fui uma criança muito feliz, vó... Eu só queria que você soubesse disso.

Vó Dora não disse nada. Apenas tragou o cigarro com mais calma, como quem guarda as palavras dentro do peito. Olhou pela janela, como se procurasse algo no tempo.

Ficaram ali, quietas.

A narradora no batente. Vó Dora na cama.

Duas mulheres suspensas no tempo — o dela acabando, o meu tentando entender o que fazer com o que ficou.

E, pela primeira vez, sentiu que talvez tivesse dito o que precisava dizer, ainda que não tenha sido exatamente aquilo que seu coração queria. Mas foi o teria dito

— Se for sair, me traz dois maços do derby prata. — Disse, apontando para a cómoda — Pega dinheiro ali na gaveta e leva a chave!

Nahara assentiu, olhou-se no espelho e ajeitou o cabelo. Passou na cómoda e abriu a gaveta. Pegou uma nota de vinte reais e colocou no bolso.

— Menina boba! — Disse a avó.

Ela soltou uma risada e a avó, Dora, riu também. A avó sempre dizia que ela ria de qualquer coisa, mas dessa vez não disse nada. Antes que ela saísse completamente do quarto, seus olhares se cruzaram. E os olhos da avó estavam profundamente verdes.

Nahara foi comprar os cigarros.

INEFÁVEL

Tudo que sei sobre Dora
é quase nada, um mergulho no raso.
e disso sempre me envergonho:
dela alcancei só um lado
o que era avó — pedaço exposto.

Ninguém é verso único, coisa só,
mesmo quando soa perfeito.
mas Dora reinava — inteira — como avó.

Mas antes de ser memória,
foi carne, dor e instinto.
órfã, mulher, dobrou-se em faxinas
e, com agulhas miúdas,
remendou o próprio destino.

Minha avó não era dessas de novela,
curvada, à passos lentos, bordada em flor.
Ela dançava bolero, incendiava salões,
de vestido curto, desafiava o pudor.

Dora era uma mulher bonita,
de olhos felinos e unhas de garra
parecia um gato,
rebelde, descrente, sem interesse.
afogada em mágoa

Não dizia “eu te amo”.
era do gesto — minha avó era verbo.
foi de estar, foi de fazer, foi de ser.
Mas não ficou; o verbo a levou.

Dora viveu sem manual,
sem rede, sem proteção,
deu um jeito, sem descanso,
sem lei, à mercê do vento.

Minha avó amou sem dizer.
e ao falar dela, a língua estranha.
Dora é inefável
que não cabe no som,
nem no tempo, ou no fim.

CAMA VAZIA

Pernas herdadas,
um vestido branco
acende o fantasma da cama vazia.

A voz ausente
ri pelo canto da sala:
“enfim, um casamento.”

No ventre da caçula,
um fruto que devolve à vida —
o riso severo
chamaria de desordem.

viagens absurdas,
mapas abertos,
netos sem jeito.
a outra filha,
não conhece o silêncio.

A mãe cigana,
sempre em mudança,
carrega casas nos ombros.

O mundo segue,
mas não esquece.
A gente, às vezes, tenta

Na varanda, o avô resiste.
Vaso ruim não quebra.
Talvez fosse essa
a última piada dela.

E tudo o que acontece
é só mais uma chance
de perguntar baixinho:
o que ela acharia?

Seja o que fosse,
diria com ironia na boca
e ferro no peito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu do desejo — ou da necessidade — de escrever a partir do fim. “Todo mundo morre” não é uma frase fatalista, mas uma forma de encarar a morte de frente, com coragem. “Todo mundo morre” era o que à minha avó dizia. Assim era a minha avó: a mulher mais corajosa que já pisou na Terra.

Passei a vida inteira detestando essa frase. Mas, no instante em que ela partiu, foi justamente ela que me encontrou — como um sopro, um eco antigo sussurrado ao pé do ouvido. Naquele momento em que o grito do desespero se engasgava na minha garganta, foi a lembrança do que ela dizia, quase como uma reza esquecida, que me permitiu, enfim, desabar. Só então chorei. E chorei por ela, por mim, por tudo o que ficou suspenso entre nós.

Neste percurso, foi fundamental recorrer a uma escrita de si que não busca reconstruir uma verdade, mas expor as frestas, os delírios, as ficções da memória. A autoficção, nesse sentido, operou como uma espécie de câmara escura: ali onde o vivido e o inventado se misturam, produzindo imagens possíveis para o luto.

“Todo mundo morre” é também um experimento formal. A escolha pelos fragmentos, pela linguagem atravessada de afetos e silêncios, foi a tentativa de não traduzir a dor em discurso, mas deixá-la vibrar como matéria textual. Aqui, escrever não significou organizar a perda — mas permitir que ela escorresse.

O curso *Gesto de escrita como prática de risco* me ofereceu o território (instável) onde essa experiência foi possível. Escrever como quem caminha na beira do abismo, sem grades de proteção, sem final fechado. Escrever mesmo sem saber — talvez principalmente por isso.

No fim, “Todo mundo morre” não busca uma resposta para a morte, nem para a escrita. Apenas sustenta a pergunta: o que ainda pode nascer do que já morreu?

